



O DESEMPENHO ECONÔMICO DA MESORREGIÃO NORTE CENTRAL PARANAENSE : um enfoque sob a economia espacial

Daiane Alves Rodrigues¹

RESUMO

Esta pesquisa analisou o desempenho econômico da mesorregião do Norte Central Paranaense no período de 1999 á 2010, sob o enfoque da economia espacial. O conjunto das microrregiões pertencentes à está mesorregião possui características similares, porém apresentaram dinâmicas diferentes em suas atividades produtivas. A despeito do crescimento econômico na mesorregião em questão, o setor de secundário e terciário apresentaram grande desempenho no período, já o setor primário revelou um crescimento de pouca expressão. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa analítica a partir, fundamentalmente, de dados secundários coletados do IBGE e IPARDES. Levantou-se o VAB dos setores primário, secundário e terciário para verificar o desempenho da mesorregião de 1999 á 2010 calculando a taxa de crescimento geométrico. As microrregiões com crescimento expressivo do VAB no período tem como similaridade a proximidade à grandes aglomerações (no caso Londrina e Maringá) que irradiam efeitos de atração para estas localidades, reforçada pela teoria dos pólos de Perroux.

PALAVRAS CHAVE: CRESCIMENTO ECONÔMICO. ECONOMIA REGIONAL. LOCALIZAÇÃO. ECONOMIA PARANAENSE. ECONOMIA ESPACIAL.

¹ Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio – UNIOESTE, Universidade do Oeste do Paraná. Especialização em Controladoria e Finanças - PUC Pontifícia Universidade Católica - Campus Londrina, Bacharelado em Ciências Econômicas - Faculdade Estadual Ciências Econômicas de Apucarana. Docente Faculdade Catuaí - Vínculo: Celestista; Área de Atuação: Administração (Macroeconomia e ambiente empresarial). Docente Unespar - Universidade Estadual do Paraná - Vínculo: Professor Colaborador. Área Atuação: Economia, Administração e Turismo (Formação Econômica do Brasil, História Econômica Geral e Economia do Turismo).



INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar o desempenho das atividades econômicas na mesorregião do Norte Central do Paraná entre o período de 1999 e 2010, sob a ótica da economia espacial, identificando as disparidades econômicas existentes entre essas microrregiões.

Durante as últimas décadas com o desenvolver da economia espacial, a partir dos anos 1950, a preocupação em “teorizar” ou expandir as discussões sobre o crescimento econômico, desenvolvimento socioeconômico e as relações entre espaço econômico e geográfico vem aumentando significativamente. *Pari-passu*, surgiram então teorias que discutem sobre pólos, aglomerações e sobre a centralização ou dispersão das atividades, buscando soluções para os desequilíbrios entre os “espaços”.

Conforme Oliveira (2005), entender o porquê de determinadas regiões serem mais ricas do que outras sempre foi de interesse dos economistas, entretanto, o assunto ficou em um segundo plano durante muito tempo. As dificuldades tiveram origem na complicação técnica de se tratar com retornos crescentes de escala. Desde a década de 1950 Myrdal (1960) e Hirschman (1961) argumentaram que os mercados modernos são monopolísticos e oligopolísticos ao invés de possuírem uma competição perfeita e que as externalidades e retornos crescentes de escala geram um processo de acumulação que alguns espaços cresçam mais que os outros.

É diante desta ideia que analisar o crescimento econômico das atividades produtivas no espaço geográfico passa a ser um desafio para entender as importantes mudanças estruturais e econômicas que ocorrem nos países, estados e municípios.

Assim, o desenvolvimento das atividades econômicas pelo Estado do Paraná possui uma marca de modernização da base produtiva, porém, com uma concentração de atividades em alguns pólos regionais que define contornos de disparidades tanto entre regiões como internamente (IPARDES, 2004).



Desta forma, a ocupação das microrregiões da mesorregião do Norte Central Paranaense acompanhou o mesmo perfil, experimentando uma ágil expansão da fronteira agrícola e para dar suporte á estas atividades foram o surgindo os centros urbanos com um ritmo de adensamento populacional intensivo e extensivo. E diante deste tipo de fenômeno de desigualdades econômicas entre as regiões, é que a economia espacial e as teorias da localização buscam explicações para as diferenças de riquezas entre os locais.

Portanto a luz da economia espacial, é que se busca fazer uma análise de como ocorre das atividades produtivas na mesorregião Norte Central paranaense e o comportamento do VAB das microrregiões, destacando o papel da localização e da urbanização. Este artigo além da breve introdução está dividido em: na Seção 2 trata-se da economia espacial e o crescimento econômico, na seção 3 a metodologia, na seção 4 a taxa de crescimento geométrico da mesorregião, na seção 5 a conclusão e a seção 6 trata as referências bibliográficas.

1 ECONOMIA ESPACIAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO

O termo crescimento é associado á questão de aumento, expansão ou desenvolvimento, desta forma, este termo também tem sido frequentemente associado ás questões econômicas. É notório que diferentes economias apresentem taxas de crescimento econômico também diferenciadas e desde Adam Smith, em "A Riqueza das Nações", que expôs de forma consistente e ordenada que o crescimento econômico é uma sequência de ações interativas e cumulativas, e que a acumulação de capital é fundamental nesse processo. O desdobramento da literatura econômica diante da preocupação com o crescimento econômico e os espaços econômicos ganham contribuições, novas interpretações e facilitam as interpretações sobre cada local.

Kuznets (1974) afirma que o crescimento econômico de uma região envolve o aumento na produção *per capita*, acompanhado, frequentemente, de um aumento populacional e, geralmente, de grandes mudanças estruturais. As quais podem ser observadas na transferência da produção agrícola para a não agrícola (o processo



de industrialização); na distribuição da população entre o campo e as cidades (o processo de urbanização); na inconstante e relativa posição econômica de grupos dentro de uma região (através de *status* de emprego, nível de renda per capita, etc.), e na distribuição de bens e serviços por uso e outros.

Já para Perroux (1981, p. 47), o crescimento econômico

[...] é o aumento da dimensão de uma unidade, quase sempre a nação, expresso pelo produto global bruto (conjunto dos bens e serviços obtidos durante um período, incluídas amortizações) referido ao número de habitantes.

Neste aspecto, o crescimento econômico de uma determinada região envolve o aumento da produção (*per capita*), e juntamente com ele o aumento da população.

A Ciência Econômica tem buscado nos últimos anos dispender atenção a localização da atividade econômica, como elemento que catalisa o crescimento econômico regional e fortalece as aglomerações. O fenômeno das aglomerações ou o agrupamento da atividade econômica é sustentada por algum tipo de lógica circular, que ocorre em muitos níveis, das regiões comerciais locais que servem as áreas residenciais das proximidades, assim esta força distribui as atividades e a população de forma irregular.

Após trabalhos teóricos e empíricos que formaram uma estrutura sobre a localização das atividades, surgem em 1990 novas ferramentas que contribuem e estimula a economia espacial contemporânea. Portanto este estudo consiste em apresentar alguns aportes teóricos relacionado á economia espacial que tentam explicar o processo de crescimento econômico regional, tais como: a preocupação com as aglomerações produtivas e o fenômeno da polarização até os novos conceitos da Nova Geografia Econômica, introduzidos pelos autores Paul Krugman, Vernables e Fujita.

Esta discussão sobre o tema "espaço" busca em seu processo histórico aprimorar teorias ou técnicas que possam explicar ou responder questões sobre a localização das atividades produtivas e das pessoas no espaço. Desta forma, segundo Santos (2006, p. 39):



O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.

O elemento espacial então tem o propósito de esclarecer ou entender a forma de organização de um conjunto de objetos ou ações relacionados às atividades econômicas que desde as teorias econômicas até a teoria espacial recente possui importância e implicações.

A Economia Espacial faz referência à análise da questão "o que" está, "onde" e "porquê", pois tem por fundamento estudar os tipos específicos de atividades econômicas, suas localizações em relação às outras atividades econômicas, questionando os problemas relativos à distância, concentração ou dispersão das atividades e também as semelhanças ou diferenças entre os padrões de distribuição geográfica dessas atividades (HOOVER JUNIOR., apud HADDAD, 1989, p. 47, p. 3-11).

Por isso as relações entre os espaços, as localizações das atividades produtivas e suas decisões de produção, começaram a ser exploradas com a economia espacial a partir de 1960, por August Loch, Alfred Weber, Von Thunen, Walter Cristaller e Alfred Marshall.

O trabalho pioneiro sobre a organização do espaço e o papel da distância nessa organização se deve à Von Thunen (1826). Segundo ele, o elemento determinante para a localização de algumas atividades rurais seria então, a maximização da renda da terra, portanto, a distância dos mercados, com relação aos fatores e produtos também influenciariam na decisão de produção (FUJITA; KRUGMAN; VENABLES, 2002).

Mais um conceito na busca da contribuição para a localização das atividades trata-se de economias externas introduzidos por Alfred Marshall, que tentou ilustrar vantagens de se produzir em "distritos industriais". Para Garcia (2006, p. 304),



[...] o trabalho de Marshall observou os distritos industriais da Inglaterra no século XIX, onde a presença concentrada de um determinado número de firmas em uma mesma região pode produzir vantagens competitivas, do que produzir isoladamente.

Economias que resultam de uma alta organização industrial dependem frequentemente, apenas em pequena parte dos recursos das firmas no sentido individual. As economias internas que cada estabelecimento deve à sua própria organização são de ordinário diminutas em comparação com as economias externas que resultam do processo geral do meio industrial (MARSHALL, 1985).

Com o estudo de Christaller (1933), a ideia do espaço encontra uma nova perspectiva: a interação entre as porções de espaço. Essa interação é produzida por centros ou locais centrais (ou de captação), com uma vocação para fornecer bens e serviços e um poder de atração sobre as pequenas áreas. As redes são organizadas em torno de centros onde estão localizadas as empresas (chave), mas ainda eqüidistantes em pequenos quadrados, criando uma hierarquia nas áreas de mercado (LIMA, 2012).

Na mesma linha, Losch (1940), em seu modelo original trabalhou com a estrutura de terra de produção; apresentando, áreas de mercado têm formas de um “hexágono”; não deixando espaço descoberto.

Christaller argumentava e fornecia evidências para sustentar argumentos, que as áreas centrais formam hierarquia: existe um grande número de cidades-mercado, cada grupo de cidades-mercado se focaliza em um centro administrativo (que também é uma cidade-mercado), e assim por diante. Losch apontou que se um entrelaçado for minimizar custos de transportes para determinada densidade de áreas centrais, as áreas de mercados deverão ser hexagonais (FUJITA; KRUGMAN; VENABLES, 2002, p. 42).

Assim, haverá hexágonos que comandarão outros hexágonos menores, situados em seu interior, constituindo uma hierarquia de áreas de mercado e de centros urbanos, formando a região econômica.

Sobre esta relação dos espaços e seu crescimento, Perroux (1981, p. 48), aborda que:

O crescimento é, justamente, considerado como sempre concomitante com as mudanças das estruturas: não há crescimento homotético, nem igualmente repartido num espaço. As modificações das proporções e das ligações entre as partes no todo são determinadas apenas por



desagregações sumárias, relativas aos ramos ou setores de produção, mas estão nos seus primórdios no que respeita às regiões, e não permitem, senão muito indiretamente verificar hipóteses sobre o efeito de arrastamento exercido por um subconjunto sobre o outro.

Esta influência de uma região sobre outra, corresponde á um campo de relações funcionais, onde há interdependência entre os espaços homogêneos, ou seja, consistem em centros ou pólos dos quais emanam forças centrípetas (de atração) ou centrífugas (de repulsão), e cada centro forma um campo de atuação próprio.

Na vertente de análise de Krugman (1991), a polarização é o resultado da associação entre baixos custos de transportes, de relações interindustriais de cooperação e concorrência intra-regional. Os custos de transportes alinhados á retornos de escala e custos de serviços pouco significativos estimulam a concentração geográfica dos agentes, como consequência o perfil das atividades produtivas e a organização do espaço econômico.

Desta forma, o espaço polarizado passa a representar um campo de análise vantajoso para a economia, pois a concentração das atividades (as aglomerações) ou a até mesmo a dispersão das atividades produtivas, podem explicar a questão do crescimento econômico e desenvolvimento das regiões. De fato, o efeito polarizador ou concentrador reforça a questão das desigualdades regionais e são estas teorias ou análises econômicas que buscam auxiliar em alternativas para a homogeneização dos espaços.

1.1 Novas interpretações na Economia Espacial: a nova geografia econômica

Após a década de 1970, a economia espacial tem uma contribuição complementar aos trabalhos de Christaller, Losch e Weber. Esta análise destaca-se como a Nova Geografia Econômica, chamada de "a quarta onda da revolução dos retornos crescentes na economia". Essa revolução tem início quando se desenvolvem modelos tratáveis de concorrência na presença dos retornos



crescentes. No caso, houve a incorporação do conceito de concorrência monopolista que trata do papel dos rendimentos crescentes e conseqüentemente estruturas de mercados mais realistas (MARQUES, 2001).

Historicamente, a Nova Geografia Econômica e os não modelos urbanos monocêntricos representam um interesse renovado na teoria da localização geral e economia do espaço. Utilizando a terminologia de Isard (1956), a teoria da localização geral que é suposta para abraçar a matriz total das atividades econômicas, na verdade reflete um pensamento de Ohlin (1933) que propôs uma teoria da localização geral integrando o comércio e a teoria da localização. No entanto, a teoria do equilíbrio geral em que o tempo (com base na concorrência perfeita) não estava pronto para avançar com essa teoria da localização geral (FUJITA; KRUGMAN, 2004).

A Nova Geografia Econômica segue a tradição da economia regional e constrói a sua teoria baseada nos custos de transporte, a força centrípeta conhecida há mais tempo e, provavelmente, a mais fácil de se observar. Os trabalhos de Krugman (1991) e Fujita, Krugman e Venables (2002), seguem a literatura da localização e tem um ponto em comum, onde as decisões econômicas devem considerar os custos de mover bens e serviços no espaço.

O ponto mais importante é que através da modelagem dos retornos crescentes na concentração espacial, pode-se aprender como e quando esses retornos podem explorar e alterar no comportamento na economia (FUJITA; KRUGMAN, 2004, p.141)

Os retornos crescentes de escala emergem das condições de especialização dos agentes participantes do processo de divisão do trabalho, proporcionando às unidades envolvidas ganhos de escala que são externos às firmas. A possibilidade de geração ou apropriação desses retornos pela localização geográfica e setorial das firmas está ligada ao estímulo de produtores especializados nessas aglomerações.

Para a teoria da NGE, a distribuição das atividades econômicas, depende do resultado de duas forças contrárias. Algumas forças levarão à aglomeração das atividades, enquanto outras à dispersão destas atividades.



No que tange às forças centrípetas, referem-se à presença de custos de transporte, externalidades e retornos crescentes de escala nas atividades produtivas. Além destes fatores a literatura também relaciona esta força com a urbanização. A necessidade de se reduzir custos de transporte, certamente é tratada como uma força centrípeta de papel importante. Sendo que a maneira mais lógica de acontecer a redução deste custo seria a diminuição da distância para circuitos curtos, ou seja, realizar uma aproximação de insumos locais (energia, mão-de-obra especializada e matéria-prima) (OLIVEIRA, 2005).

Outra força considerada centrípeta, trata-se das externalidades, sendo esta uma das condições que permite rendimentos crescentes de escala, e estes tem como consequência a concentração da produção. Algumas teorias reforçam essa ideia como a dos autores Marshall (1980), Arrow (1962) e Romer (1986) conhecida como a teoria de MAR².

As teorias de externalidades MAR e Porter (1990) dizem respeito à transmissão de conhecimento entre as firmas de uma indústria, ou seja, elas focalizam os *spillovers* dentro da indústria. A diferença para elas é que para a teoria MAR¹ o monopólio local é benéfico para o crescimento, pois permite internalizar as externalidades pelo inovador, ao contrário a de Porter favorece a competição local, pois a concorrência estimula a imitação e a inovação (SILVA e SILVEIRA, 2005).

Ainda nesta mesma linha das externalidades Jacobs (1969) em sua teoria concorda com Porter que a competição local acelera a adoção de novas tecnologias, mas afirma que os *spillovers*³ são mais efetivos entre empresas de setores diferentes, e portanto, a diversificação é mais benéfica para o crescimento do que a especialização (OLIVEIRA, 2005).

Outro tipo de força centrípeta das atividades econômicas é a presença de economias de urbanização. Os efeitos de uma economia de urbanização pode ser ilustrado com maior facilidade pelo setor de serviços. Os serviços são imóveis, ou

² Teoria MAR refere-se à teoria das externalidades formulada pelos autores por Marshall, Arrow e Romer

³ *Spillovers* transbordamentos de conhecimento tecnológico interfirmas geradores de economias externas tecnológicas; ganhos com a formação de pólos especializados de trabalho que podem ser provenientes de economias externas tanto pecuniárias como tecnológicas

seja, não podem ser transportados, assim reduzem os custos de transporte e garantem o mercado consumidor e ganhos de escala (OLIVEIRA, 2005).

No que tange às forças centrífugas destacam-se na literatura pela forma das externalidades negativas e à oferta fixa de fatores de produção. A oferta fixa de fatores refere-se principalmente na questão da mão de obra e terra, sendo que o fato de a terra próxima às aglomerações ser limitada implica que a medida que demanda por este fator cresce, os seus preços também crescem. Já a mão de obra está relacionada basicamente ao efeito que as aglomerações têm sobre os salários.

Como se pode perceber tanto as forças centrípetas quanto às forças centrífugas são determinantes no crescimento ou não de uma região, polo ou outro.

2 METODOLOGIA

A área de estudo desta pesquisa corresponde às microrregiões que compõem a mesorregião Norte Central do Paraná, seguindo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O período da pesquisa compreende 1999 a 2010. A figura 4 ilustra a localização das microrregiões.

Figura 1 - Mapa de Localização Microrregiões Norte Central Paranaense – 2011



Fonte: O Paraná (2011)



Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e analítica a partir, de dados secundários coletados em fontes bibliográficas e órgãos oficiais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) de forma a verificar com tais dados demonstrem a relação de desigualdades econômicas entre as microrregiões do Norte Central Paranaense. Também utilizou-se dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Aplicada), e dados populacionais do Censo do IBGE referentes anos de 2000 e 2010, envolvendo dados quantitativos, que foram sistematizados pela autora.

Para Paiva (2010), quando se quer avaliar a dinâmica de um território, existem diversas variáveis que podem ser utilizadas com vistas a esta análise (Produto Interno Bruto - PIB, Valor Agregado Bruto - VAB, Renda *per capita*, Índices de Desenvolvimento Humano, etc) porém, cada uma destas variáveis apresenta limitações específicas, que são exponenciadas em escala municipal.

A variável escolhida trata-se do Valor Adicionado Bruto ou Valor Agregado Bruto (VAB), que é considerado como o valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. A escolha do VAB se deu porque, o Produto Interno Bruto (PIB) de um território é o somatório do Valor Agregado Bruto (VAB) nos distintos setores (agropecuária, indústria e serviços) acrescido dos Impostos Indiretos. Como a maioria dos impostos é apropriada por instâncias federativas superiores à municipalidade e redistribuídos por critérios complexos e altamente diferenciados, o VAB é uma variável mais apropriada da renda municipal do que o PIB (PAIVA, 2010). A partir dos dados do VAB extraído do IBGE de 1999 à 2010 e deflacionados para o ano de 2010, que foram realizadas as análises.

3 A TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO DOS SETORES ECONÔMICOS DO NORTE CENTRAL PARANAENSE E O VAB PER CAPITA DAS MICRORREGIÕES

Segundo IparDES (2004), uma forte característica nas atividades da mesorregião do Norte Central Paranaense, refere-se à base produtiva agrícola e a sua organização em cooperativas, com uma estrutura gerencial e de mercado



comparada à de grandes empresas, alicerçando parcela expressiva da produção agroindustrial da região e do Estado. Esta mesorregião apresenta o segundo maior parque industrial do Estado, que se particulariza por sua diversificação, com importante participação de gêneros como alimentação, têxtil, mobiliário, açúcar e álcool, além dos novos segmentos, especialmente os de agroquímicos e embalagens plásticas e equipamentos para instalações industriais e comerciais. Também possui forte presença no setor de serviços, particularmente em alguns segmentos que denotam importantes encadeamentos produtivos, como os serviços de transporte e de apoio à atividade empresarial, bem como em serviços sociais, saúde e educação, entre outros.

Tabela 1 - Taxa de crescimento geométrico do VAB por setor da Mesorregião Norte Central do Paraná (1999-2010)

Setor	Taxa Crescimento Acumulado	Taxa crescimento Geométrico
Terciário	36,74%	2,64%
Secundário	28,98%	2,14%
Primário	5,18%	0,42%

Fonte: IBGE (elaborado pela autora)

Ao observar a tabela 1, a qual mostram as taxas de crescimento acumulado e taxa de crescimento geométrico do Valor Adicionado Bruto (VAB) da mesorregião do Norte Central do Paraná, por setor, é possível identificar que os três setores: primário, secundário e terciário apresentam uma evolução positiva no período de análise.

Porém, o setor primário teve um crescimento menor com relação aos outros setores da economia regional. Para Ipardes (2004), o setor primário do Norte Central têm caminhado em direção a atividades caracterizadas pela forte articulação à agroindústria e/ou pela inserção no mercado internacional, fatores que vêm garantindo níveis de rentabilidade elevados aos produtores, em detrimento das atividades econômicas mais dependentes da intervenção estatal e voltadas quase que exclusivamente ao atendimento do consumo doméstico. No entanto, essas transformações também desencadearam efeitos perversos para a região, como a



concentração fundiária, a redução da produção de alimentos intercalados ao café e a consequente desarticulação do emprego rural.

Desta forma, observa-se que o setor primário da mesorregião do Norte Central Paranaense possui uma semelhança com a dinâmica do próprio Estado, apresentando uma taxa de crescimento pequena, fruto das transformações técnicas, da grande automatização ou organização da atividade agroindustrial. Esta expansão das atividades do complexo agroindustrial, tem como destaque as usinas de açúcar e álcool, a atividade leiteira, avicultura e produção de papel, celulose e placas de madeira, ligados ao cultivo florestal (silvicultura). Essas indústrias estão estreitamente ligadas ao agronegócio e aos mercados urbanos (IPARDES, 2010).

No que tange ao setor secundário da mesorregião em questão, demonstrou-se um taxa de crescimento do VAB de 2,14%, superando a taxa de crescimento do setor primário e abaixo da taxa de crescimento do setor de terciário. Dentro do crescimento do setor secundário, é importante ressaltar a participação do setor agroindustrial sendo um dos mais representativos da mesorregião, em termos de geração de emprego, e juntamente com ele, os segmentos tradicionais de vestuário, mobiliário, açúcar e álcool e certos segmentos agroindustriais, como, por exemplo, o de abate e processamento de aves. Vale mencionar uma onda "crescente" nos segmentos de agroquímicos, artefatos e embalagens plásticas e, ainda, equipamentos para instalações industriais e comerciais. Destarte, a distribuição espacial da atividade industrial ocorre preferencialmente em torno dos dois polos regionais, estendendo-se em direção a municípios próximos (IPARDES, 2004).

Este desempenho da indústria mantém um papel positivo e importante no ritmo de crescimento das microrregiões, reforçando assim a existência de uma dinâmica deste setor, que pode ser também verificada em Ipardes (2007), sobre o emprego formal na indústria de transformação do Estado do Paraná:

O emprego gerado pela indústria de transformação paranaense apresentou um formidável crescimento. Passou de 300,2 mil postos de trabalho com carteira assinada, em 1995, para 490,5 mil em 2005 (um incremento de cerca de 190,3 mil postos em dez anos) e 556,2 mil em 2007 (um aumento de 65,7 mil em dois anos), resultando em um crescimento de 85,2% durante todo o período (IPARDES, 2007, P.1).



Fica evidente que o setor secundário paranaense apresenta um crescimento positivo no que diz respeito à indústria de transformação, em especial após 2005. Isso contribui para que municípios da mesorregião do Norte Central se beneficiem deste crescimento atraindo novos investimentos ou reformulando espaços econômicos para organizar suas atividades produtivas.

O desenvolvimento, implantação ou consolidação de alguns setores produtivos como: o automobilístico, o agronegócio, o complexo madeira, construção civil e seus supridores industriais, entre tantos outros, com a produção de novos negócios, tende a estimular os serviços atraindo outros investimentos. No setor terciário, a mesorregião Norte Central obteve, em 2000, o segundo melhor desempenho na maior parte dos segmentos, à exceção de atividades imobiliárias e aluguel de bens móveis e imóveis e atividades de informática e conexas (IPARDES, 2004).

Desse modo, o setor terciário envolvendo uma diversidade de serviços demonstrou forte expansão e crescimento, de forma que representa em tempos atuais quase 64% da riqueza gerada no Estado, com sua participação no PIB tendo apresentado incremento significativo no período de 2002-2007, sendo o único setor a apresentar taxas positivas de crescimento durante todo o período (KURESKI; DELGADO, 2010).

Este setor demonstra a maior taxa de crescimento dentre os três setores analisados na mesorregião. Este comportamento também se deve ao avanço da urbanização, pois ao passo que as atividades produtivas, em especial as indústrias, agroindústrias e outras buscam localização próxima às áreas urbanas, esta se torna uma força centrípeta, desenvolvendo a presença de economias de urbanização que são observadas com facilidade no setor de serviços.

Dessa maneira, a mesorregião demonstrou um comportamento crescente do setor terciário seguido pelo setor secundário, e por fim o setor primário sendo o de menor representatividade. Este destaque no crescimento do setor industrial e de serviços pode ser relacionado com a teoria de Alfred Marshall (1985), com o argumento "que a organização e coordenação industrial produzem externalidades, beneficiando um grupo de indústrias que buscam organizar-se próximos à centros

urbanos onde possuam vantagens nos grandes mercados". Assim, a relação entre o crescimento do setor da indústria e do setor de serviços pode ser cada vez mais estreitado, já que a busca das empresas pela localização que facilite o processo de produção desencadeiam o desenvolvimento dos centros urbanos e a geração de outras atividades como os serviços.

Este comportamento tende a influenciar o crescimento das microrregiões, delineando para cada uma delas uma dinâmica de crescimento econômico heterogênea, com atividades econômicas e população em intensidades diferentes.

Desta forma, pode-se dizer que a evolução do VAB *per capita* entrelaça os conceitos de crescimento econômico e crescimento populacional, conforme Perroux (1981, p. 47), "neste aspecto, o crescimento econômico de uma determinada região envolve o aumento da produção (*per capita*), e juntamente com ele o aumento da população".

A tabela 2 apresenta o VAB *per capita* (VAB total dividido pela quantidade de habitantes) das oito microrregiões que compõe a mesorregião do Norte Central Paranaense, em 2000 e 2010, bem como a variação absoluta e percentual o VAB.

Tabela 2 - VAB *Total per capita* Microrregiões Norte Central do Paraná (em mil reais) 2000-2010

Região	2000	2010	Varição Absoluta	Varição %
MRG de Apucarana	5.433	14.631	9.198	169%
MRG de Astorga	4.242	14.093	9.851	232%
MRG de Faxinal	3.562	11.102	7.540	212%
MRG de Floraí	6.216	14.590	8.374	135%
MRG de Ivaiporã	3.099	10.216	7.117	230%
MRG de Londrina	6.580	16.149	9.569	145%
MRG de Maringá	6.240	16.368	10.128	162%
MRG de Porecatu	4.620	12.696	8.076	175%
Norte Central Paranaense	5.657	15.125	9.468	167%
Total	45.649	124.970	79.311	174%



Fonte: IBGE (adaptado pela autora), 2014

O que percebe-se em termos de VAB *per capita* é que todas as microrregiões apresentam variação positiva, portanto, demonstram crescimento das atividades entre o período analisado, sendo no geral de 174%. Destacaram-se as microrregiões de Astorga, Apucarana, Ivaiporã e Faxinal que revelaram maior evolução percentualmente, inclusive, em quase todas elas com uma variação absoluta maior que a própria variação da mesorregião a qual estas pertencem.

Porecatu, Londrina, Floraí e Maringá respectivamente são as microrregiões que apresentaram um crescimento do VAB *per capita* relevante, porém com variação percentual abaixo da variação da mesorregional. Floraí chama atenção devido ser a microrregião que apresentou o menor crescimento do VAB *per capita* entre as demais.

Diante da evolução do VAB *per capita* verifica-se que o crescimento econômico aconteceu nas microrregiões que participam da mesorregião Norte Central do Paraná, no entanto cada uma delas com variação percentual particular, ou seja, o nível e o ritmo de crescimento para cada microrregião possui uma dinâmica diferenciada.

Segundo Ipardes (2004), uma forte característica nas atividades da mesorregião do Norte Central Paranaense, refere-se à base produtiva agrícola e a sua organização em cooperativas, com uma estrutura gerencial e de mercado comparada à de grandes empresas, alicerçando parcela expressiva da produção agroindustrial da região e do Estado. Esta mesorregião apresenta o segundo maior parque industrial do Estado, que se particulariza por sua diversificação, com importante participação de gêneros como alimentação, têxtil, mobiliário, açúcar e álcool, além dos novos segmentos, especialmente os de agroquímicos e embalagens plásticas e equipamentos para instalações industriais e comerciais. Também possui forte presença no setor de terciário, particularmente em alguns segmentos que denotam importantes encadeamentos produtivos, como os serviços de transporte e de apoio à atividade empresarial, bem como em serviços sociais, saúde e educação, entre outros.



Tabela 3 - Taxa de Crescimento Geométrico do VAB por Microrregião do Norte Central Paranaense (1999-2010)

Setores	MRG Astorga	MRG Apucarana	MRG Ivaiporã	MRG Faxinal	MRG Londrina	MRG Maringá	MRG Porecatu	MRG Floraí
Primário	2,77%	1,49%	1,49%	0,74%	0,34%	-1,62%	-1,92%	-3,10%
Secundário	6,68%	3,12%	4,19%	2,48%	1,07%	1,76%	1,76%	2,54%
Terciário	3,12%	2,91%	2,52%	2,68%	2,15%	3,35%	1,47%	1,12%

Fonte: IBGE (elaborado pela autora)

Pela tabela 3, observa-se a taxa de crescimento do VAB das microrregiões nos três setores da economia. Diante destes dados, é facilitada a compreensão de qual microrregião demonstrou um desempenho positivo na maioria dos setores, ou em qual setor, determinada microrregião se baseou como fonte de crescimento.

Em destaque estão as microrregiões de Astorga, Apucarana, Ivaiporã e Faxinal, respectivamente, pois demonstraram taxas de crescimento relevantes em todas as atividades produtivas. A microrregião de Astorga expressou o melhor desempenho em todos os setores, sendo o setor secundário aquele que mais cresceu no período de 1999 à 2010, seguido pelo setor terciário e primário. Na sequência, a microrregião de Apucarana, apresentou-se com uma taxa significativa também no setor secundário, e logo após o setor de terciário e primário, o que se percebe também na microrregião de Ivaiporã que acompanha o mesmo desempenho. Ainda nestes termos, merece destaque o desempenho do setor terciário da microrregião de Faxinal que juntamente com o setor secundário, perfazem taxas importantes de crescimento, ficando apenas o setor primário com um tímido crescimento.

A semelhança entre as quatro microrregiões que chama a atenção, é o fato do setor secundário ter apresentado números expressivos, seguido pelo setor de terciário e posteriormente o setor primário. O fato da indústria ter se destacado como um setor pujante nestas microrregiões, pode ter sua fundamentação na trindade das economias externas de Alfred Marshall (1985), que aponta a vantagem de se localizar perto dos fatores de produção afim de reduzir os custos de transportes,



consequentemente neste mesmo argumento se desenvolveria uma região comercial e propiciando uma estrutura de comércio e serviços.

Comparada ao final da década passada, a produção industrial regional acumula, desde 1999, o percentual de 23,9% de expansão até o ano de 2007, demonstrando uma aceleração especialmente nos últimos quatro anos da série. Esse índice reflete o desempenho bastante heterogêneo no tempo e entre as diversas atividades industriais, as quais responderam de forma diferenciada aos estímulos da demanda nacional e internacional (IPARDES, 2007).

Com taxas de crescimento de menor expressão no setor secundário, porém com desempenho positivo estão: Florai, Maringá, Porecatu e Londrina. Estas microrregiões podem ser divididas em dois grupos. O primeiro, composto por Londrina e Maringá, que apesar de apresentar taxas de pouca relevância no setor secundário, obtiveram melhores taxas no setor terciário. O segundo, abrange Florai e Porecatu, o grupo que em contraposição ao primeiro, expressou as menores taxas de crescimento no setor terciário, contudo, a microrregião de Florai revelou-se com o melhor desempenho no setor secundário. Com relação ao setor primário, com exceção da microrregião de Londrina que apresenta uma taxa de crescimento relativamente baixa (0,34%), as demais microrregiões apresentaram taxas negativas, ou seja, perdendo participação neste setor nos últimos anos.

Por fim, as microrregiões que se repetem como destaque em quase todos os setores são Astorga, Apucarana, Ivaiporã e Faxinal, coincidentemente microrregiões que possuem uma interação produzida por centros ou locais centrais (ou de captação), com uma aptidão para fornecer bens e serviços e um poder de atração sobre as pequenas áreas. A localização próxima á grandes aglomerações como Londrina e Maringá exercem estímulos substancialmente positivos na demanda, renda, produção e investimentos das atividades econômicas destas regiões vizinhas.

De acordo com Perroux (1977) existe uma concentração dos pólos e uma difusão destes posteriormente, no conjunto da economia, o que pode ser levado em consideração no que tange ao crescimento dos pólos Londrina e Maringá, que obtiveram um crescimento menor na maioria dos seus setores quando comparados



á regiões que as cercam, transferindo assim atividades e crescimento econômico para a região num aspecto geral.

O crescimento econômico das microrregiões pertencentes ao Norte Central Paranaense possuem características também descritas por Kuznets (1978), porém cada microrregião revela uma intensidade diferente neste crescimento, com relação á renda *per capita* da população, com a taxa da eficiência da produtividade, a taxa da transformação na estrutura econômica, a taxa de urbanização e com os meios de transporte e comunicação. Esta distribuição diferenciada do crescimento econômico fundamenta-se essencialmente na localização das microrregiões no espaço que elas e sua população ocupam.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi analisar o desempenho do crescimento econômico da mesorregião do Norte Central Paranaense no período de 1999 á 2010, sob o enfoque da economia espacial.

Os resultados alcançados demonstraram que a mesorregião Norte Central do Paraná composta pelas oito microrregiões (Apucarana, Astorga, Faxinal, Floraí, Ivaiporã, Londrina, Maringá e Porecatu) obteve uma taxa de crescimento geométrico do VAB significativo nos setores secundário e terciário. O setor primário ficou com a menor taxa de crescimento do VAB apresentada no período, este baixo crescimento do setor pode ser explicado pela grande transformação técnica no perfil da atividade primária e também pela articulação da agroindústria, que passou a integrar indústria e centros urbanos, ou seja, além da oferta de matérias primas as atividades agroindustriais exigem oferta de mão de obra e vias de transporte de fácil acesso. Um exemplo é a posição espacial de Astorga, Apucarana e Ivaiporã que localizam-se próximas ás maiores aglomerações da mesorregião aproveitando-se de uma localização privilegiada, reduzindo custos de transportes e acesso fácil ao escoamento de produção.

Dentre as oito microrregiões que compõe a mesorregião, Astorga, Apucarana, Faxinal e Ivaiporã demonstraram taxas de crescimento do VAB mais



expressivas. Este crescimento expressivo no conjunto das atividades econômicas expressaram algumas similaridades quanto a distribuição das atividades produtivas no espaço, tendo a localização como uma característica favorável que auxilia no crescimento destas determinadas regiões. Simultaneamente estas microrregiões possuem uma interação produzida por centros ou locais centrais (ou de captação), com aptidão para fornecer bens e serviços e um poder de atração sobre as pequenas áreas, portanto a localização próxima á grandes aglomerações, como Londrina e Maringá exercem estímulos positivos nas suas atividades econômicas. Desta forma, reforçada pela teoria dos pólos de desenvolvimento, que salienta a existência de uma concentração dos polos e uma difusão destes posteriormente, no conjunto da economia.

A percepção que se tem com relação desempenho do crescimento econômico das microrregiões do Norte Central do Paraná é que boa parte delas se aproveitaram melhor do fator localização para dinamizar as suas atividades econômicas produtivas. Grandes aglomerações, como Londrina e Maringá passaram a transferir atividades dos seus centros para áreas periféricas, destacando pontos de relações econômicas no espaço produtivo regional. Microrregiões com pouca influencia dos polos ou com atividades produtivas com crescimento em escala mesorregional menores, sofreram com a perda de dinamismo e com menores possibilidades de crescimento econômico, desta forma potencializando as dificuldades de atração das atividades para estas microrregiões, como é o caso de Porecatu e Floraí.

A correção destas disparidades de crescimento econômico giram em torno dos agentes econômicos, em especial das políticas públicas que ainda encontram obstáculos para atrair atividades para locais mais remotos. Ainda assim, as políticas públicas do Estado do Paraná têm sido utilizadas buscando a equidade na distribuição das atividades produtivas entre as regiões..

Por fim, o estudo demonstrou que as microrregiões que compõe o Norte Central do Paraná acompanham as tendências de crescimento nos setores econômicos da mesorregião.



**THE ECONOMIC PERFORMANCE OF NORTH CENTRAL MESOREGION
PARANAENSE: a focus in the space economy**

ABSTRACT

This research analyzed the regional economic growth profile in the central north of Paraná, from 1999 to 2010, under the spatial economy focus. Despite of this specific zone economic growth, the industry and service sector had great performance in the period, however the agriculture revealed a small growth. The great majority of the micro regions showed a similar profile, taking advantage from the sectors with bigger growth to boost their activities. An analytical research was used as methodology, fundamentally from secondary data collected from IBGE and IPARDES. The micro regions with higher economic growth have as similarity the proximity to big agglomerations (in this case Londrina and Maringá) that radiate attractions effects to these localities, enhanced by the Poles Theory (Perroux) and the Central Places theory (Christaller and Losch) as well as Alfred Marshall helps to explain the fact that the industries are located near the production factors, reducing transport expenses, developing an urbanization economy and providing after that the trading and the services growth.

KEYWORDS: ECONOMIC GROWTH. REGIONAL ECONOMY. LOCATION. PARANÁ'S ECONOMY. SPATIAL ECONOMY.



REFERÊNCIAS

- Arrow, K. J. (1962), 'The economic implications of learning by doing', *Review of Economic Studies* **29**(3), 155-173
- FERRERA DE LIMA, Jandir. **Géoéconomie et developpment regional**. Paris: Publibook, 2012
- FUJITA, Masahisa ; KRUGMAN, Paul. **The new economic geographic: past, present and the future**. Urbana: Papers in Regional Science, 2004.
- FUJITA, Masahisa; KRUGMAN, Paul; VERNABLES Anthony. J. **Economia Espacial: urbanização, prosperidade econômica e desenvolvimento no mundo**. São Paulo: Futura, 2002.
- GARCIA, Renato. Economias externas e vantagens competitivas dos produtores em sistemas locais de produção: as visões de Marshall, Krugman e Porter. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 301-324, out. 2006. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/garcia_r_economias_externas_e_vantagens_competitivas_2006.pdf>. Acesso em: 04/2013.
- HADDAD, Paulo Roberto. (org.) **Economia regional: teoria e métodos de análise**. Fortaleza: BNB, 1989.
- HIRSCHMAN, Albert. **A estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de dados agregados**. São Paulo, 2013.
- _____. **Censo demográfico**. São Paulo, 2000.
- IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Leituras regionais**. Curitiba: IPARDES, 2004.
- _____. **Dinâmica recente da indústria paranaense**. Curitiba: IPARDES, 2007.
- _____. **Características do emprego no setor agropecuário e florestal no Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2010.
- _____. **Arranjo produtivo local de bonés de Apucarana**. Curitiba: IPARDES, 2006.
- Isard, Walter. *Location and space-economy*. Cambridge: MIT Press, 1956



KURESKI, Ricardo; DELGADO, Paulo Roberto. A importância do setor de serviços no estado do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 118, p. 139-158, jan./jun. 2010.

KRUGMAN, Paul. Increasing returns and economic geography. **Journal of Political Economy**. Washington (DC), n. 99, p. 483-499, 1991.

KUZNETS, Simon. **O crescimento econômico moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MARQUES, Helena. **A nova geografia econômica na perspectiva de Krugman: uma aplicação á regiões Européias**. Universidade de Coimbra, 2001. Disponível em: <www4.fe.uc.pt/>. Acesso em: 05/2013.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 2v.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas: textos de economia contemporânea**. Rio de Janeiro: Saga, 1960.

OLIVEIRA, Cristiano. Desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: um enfoque sob a nova geografia econômica. **Redes: Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, p. 93-116, ago. 2005.

PAIVA, Carlos A. **Fundamentos para um projeto de desenvolvimento econômico de Bagé**. Porto Alegre, 2010. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.territoriopaiva.com%2Ftw5.0%2Fcontas%2F00074_v1%2Farquivos%2Fworkspaces%2Fdownload%2F1%2Fanalise_de_bage_e_campl_ampliada_vers_final.docx&ei=NR7JU7bkE4SvyATRgIL4BQ&usq=AFQjCNFv9HzRzb5YuyFdTGZdthn-9vICZQ&sig2=3vejSXqEYSu4TD6S6oF5bw>. Acesso em: 05/2013.

PERROUX, François. **Ensaio sobre: a filosofia do novo desenvolvimento**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1981.

_____. O conceito de pólo de crescimento. In: SCHAWARTZ-MAN Jacques. **Economia regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p. 83-124.

PORTER, M. E. The competitive advantage of nations. **Harvard Business Review**, p.73-93, Mar./Apr. 1990.

Romer, P. (1986), 'Increasing returns and long-run growth', *Journal of Political Economy* **94**(5), 1002-1037.

SILVA, Magno Vamberto Batista; SILVEIRA NETO, Raul da Mota. **Determinantes da localização industrial no Brasil e geografia econômica: evidência para o período pós real**. 2005. Disponível em: <www.anpec.org.br>. Acesso em: 05/2013.



SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VON THÜNEN, Johann Heinrich (1826). *Der isolierte staat in beziehung auf landschaft und nationalokomie*. Hamburgo (tradução para lingua inglesa de C. M. Waterberg, Von Thunen *The isolated state*. Oxford: Pergamon Press, 1996.